

Resenha

Crítica da Mídia & Hegemonia Cultural

(MORAES, Dênis de. Rio de Janeiro: Editora Mauad/Faperj, 2016, 293p.)

Bianca DANTAS¹

No Brasil e no mundo, uma onda conservadora tem ganhado mais espaço na sociedade e nas instituições de poder. O nosso modo de comunicar e expressar nossas opiniões também mudou, o que fica mais evidente em tempos de maior enfrentamento político e acirramento da luta de classes. As redes sociais, por exemplo, ao mesmo tempo que dão mais voz às pessoas para que possam debater temas da sua vida cotidiana, também favorecem a divulgação de fakenews e a polarização das ideias. Nesse sentido, é cada vez mais necessário refletir sobre o papel da imprensa em torno disso. Assim como Karl Marx e Lênin, o filósofo Gramsci entendia que a imprensa ocupa uma posição central nas lutas ideológicas e de classe. Esse é apenas um dos temas tratados pelo escritor Dênis de Moraes em seu mais recente livro *Crítica da Mídia & Hegemonia Cultural* (2016).

Dênis de Moraes é doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pós-doutor pelo Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO, Argentina). Jornalista e professor, se especializou em áreas como teoria crítica da mídia e do jornalismo, economia política da comunicação e políticas públicas da comunicação; também é autor, organizador e co-autor de mais de 30 livros.

Crítica da Mídia & Hegemonia Cultural traz ensaios e entrevistas que resumem a produção intelectual de Dênis de Moraes, discutindo seus principais temas de investigação, como “economia política da comunicação; democratização da mídia; políticas de comunicação; hegemonia e ação contra hegemônica; cultura digital e mercantilização; intelectuais, resistência cultural e participação política”.

O livro é dividido em quatro partes e a primeira, **Em torno de Gramsci**, tem como foco esse filósofo italiano. Dênis de Moraes trata das concepções de Gramsci acerca da hegemonia e aborda as visões de Karl Marx e Lênin (grandes influenciadores

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGC/UFPB.
E-mail: biancadantas.cg@gmail.com

do pensamento gramsciano) sobre a imprensa, assim como destaca sua trajetória no jornalismo e suas contribuições às teorias da imprensa. Nesse sentido, é possível compreender como Gramsci entendia a imprensa:

De um lado, ele a enquadra como aparelho privado de hegemonia sintonizado com as classes dominantes. De outro, concebe periódicos socialistas e comunistas como instrumentos de educação política e mobilização dos trabalhadores, inseridos na batalha das ideias pela construção de outra hegemonia, fundada na igualdade e na justiça social. (p. 12).

Hegemonia cultural e poder: notas sobre a contribuição gramsciana, capítulo que abre o livro, é uma versão modificada de um texto de Dênis publicado em seu livro *A batalha da mídia* (2009). Aqui, o autor explica que “na perspectiva de Gramsci, o conceito de hegemonia caracteriza a liderança ideológica e cultural de uma classe sobre as outras”. Para o filósofo, a hegemonia é resultado “de embates permanentes pela conquista do consenso e não se reduz aos limites de coerção pura e simples, nem se cinge a questões ligadas à estrutura econômica e à organização política”. Além de hegemonia, Dênis de Moraes também retoma outros conceitos de Gramsci, como sociedade política, sociedade civil, aparelho privado de hegemonia, etc.

Em seguida, em **Imprensa e revolução: Marx e Lenin, precursores de Gramsci**, Dênis de Moraes explica que esses três intelectuais foram além da atividade jornalística, passando a teorizar sobre a imprensa enquanto “instrumento voltado às tarefas de informação, conscientização, agitação, propaganda e difusão contra-hegemônica”.

Enquanto Marx “acreditava no potencial da imprensa para uma ação política transformadora, indicando que a disseminação de ideias revolucionárias poderia servir de combustível para mudanças estruturais na sociedade”, Lenin deu ênfase “às tarefas que cabiam aos órgãos de divulgação de organizações de esquerda e partidos comunistas”. Assim, compreendemos porque Gramsci via a imprensa no centro das lutas ideológicas e de classes. Ocupando uma posição privilegiada na disseminação de conteúdo, a imprensa pretende e consegue, estando contra ou a serviço da hegemonia, atingir seu público no caminho do consenso das ideias.

As questões trazidas por Dênis de Moraes nesse capítulo são importantes para a compreensão do próximo: **Gramsci, o jornalismo e a imprensa**, onde o autor conta que o filósofo com intensa atividade jornalística nunca trabalhou na grande mídia,

podendo dedicar-se apenas à publicações partidárias e escrever sobre temas que foram além da política, como vida cotidiana, artes, literatura, filosofia, economia, etc. Dênis também explica que

Na perspectiva gramsciana, a imprensa e o jornalismo, cada qual em sua dimensão específica e em movimentos de fertilização mútua e complementaridades, são agentes históricos essenciais para modelar a opinião pública e delinear os contornos da vontade política. Segundo Gramsci, embora não seja o único instrumento de informação, difusão cultural, ação pedagógica e persuasão, a imprensa – principal mídia de sua época, se situa no centro nevrálgico do acirrado embate pelo consenso numa dada sociedade (p. 63).

Em **Crítica da Mídia e Liberdade de Expressão**, segunda parte de *Crítica da Mídia & Hegemonia Cultural*, Dênis estuda como o imaginário social é colonizado pela mídia, assim como as consequências do monopólio midiático, ao passo que reforça a necessidade da diversidade e da regulação para garantir as mais diversas formas de expressão cultural.

Já em **Seis questões para entender a hegemonia midiática**, o autor explica: 1) as vantagens que os grandes conglomerados midiáticos têm em relação às mídias alternativas, ressaltando como a digitalização e a internet contribuíram nesse processo, o que resulta, num “sistema cada vez mais subordinado a lógicas econômicas”; 2) a mídia tem muita influência em estabelecer sentidos e ideologias, e por mais que os veículos se declarem imparciais, têm posições ideológicas muito determinadas; 3) esses conglomerados atuam para reproduzir a lógica do consumo e as hegemonias constituídas; 4) a mídia controla e seleciona as informações e opiniões divulgadas, combatendo as ideias antagônicas e dificultando que o público tenha uma compreensão mais ampla dos acontecimentos; 5) a mídia também se apropria de diferentes palavras e expressões para conseguir seus objetivos; 6) e preenche seus espaços de opinião por dois tipos de profissionais: aqueles formados dentro da empresa, de acordo aquela ideologia, ou aqueles escolhidos para demonstrar autoridade cultural a partir áreas específicas, desde que ambos trabalhem para desmerecer os pensamentos de oposição.

Crise do quarto poder e liberdade de expressão é uma versão traduzida e ampliada da entrevista que Dênis de Moraes concedeu à jornalista Julieta Grosso, na Argentina. Em primeiro lugar, o autor defende que a liberdade de expressão está ligada ao direito à comunicação, um dos direitos humanos fundamentais, e tem uma relação direta com a democracia. Em seguida, também fala da perda de credibilidade da

imprensa como quarto poder e os fatores que ocasionaram essa crise; faz uma breve análise da América Latina em termos de liberdade de expressão; discute o poder dos monopólios de comunicação e analisa a internet e as redes sociais enquanto espaços de socialidade, interação e circulação informativa. Para Dênis, no entanto, a internet não é solução de tudo:

Não hesitemos em reconhecer que o potencial contra-hegemônico de meios digitais é de suma importância num embate tão desigual com os conglomerados, mas não basta para democratizar o sistema de comunicação, sem uma regulação que garanta a diversidade nos meios sob concessão pública e a democratização dos acessos e usos tecnológicos (p. 131).

No capítulo **Por que políticas públicas de comunicação são fundamentais para a democracia?**, Dênis de Moraes ressalta “o papel dos sistemas de comunicação, não apenas para a consolidação ou a reversão de consensos, como também para a soberania nacional, a diversidade cultural, a integração regional e a cooperação internacional”. Tendo em vista que o debate sobre o direito à comunicação ganhou mais força internacionalmente, inclusive na América Latina, o autor cita os avanços de países como Argentina, Equador, Bolívia, Venezuela e Uruguai, ressaltando também que as experiências de cada país são resultado de suas conjunturas. Dênis defende que

São urgentes mecanismos legais para coibir a concentração e a oligopolização, e permitir lisura e transparência aos mecanismos de concessão, regulação e fiscalização das licenças de rádio e televisão. Impossível imaginar uma democratização efetiva da vida social diante do desmedido e assustador poder midiático (p. 145).

Por sua vez, no capítulo **Batalhas pela diversidade: o que aprender com as experiências latino-americanas**, o autor discute as mudanças nos sistemas de comunicação de países da América Latina “cujos governos progressistas tentam deter a concentração monopólica da mídia e estimular medidas que possam contribuir para a diversidade informativa e cultural”, ressaltando que muitas dessas iniciativas do governo foram fruto de reivindicações de movimentos sociais e enfrentam duras campanhas opositoras feitas pelas corporações midiáticas, que “temem perder as vantagens econômicas e a influência política junto a setores da opinião pública”.

A vanguarda do atraso na América Latina é uma versão revista da entrevista que Dênis de Moraes concedeu à jornalista Najla Passos. Aqui, o autor volta a discutir a

democratização na comunicação, explicando que outros países da América Latina apresentam outro quadro porque passaram por uma série de protestos contra medidas geradas pelo neoliberalismo (desemprego, corte de direitos trabalhistas, pobreza, etc.). No Brasil, a situação seria diferente porque seus governos nunca tomaram iniciativas profundas quanto ao nosso sistema comunicacional.

O autor abre a terceira parte do livro, **Cultura e Mercantilização**, com o capítulo **Em O consumo faz mais barulho do que as guerras**, onde cita Eduardo Galeano para introduzir o papel do consumo no sistema capitalista, que, apoiado na indústria da publicidade, é decisivo nos processos de criação de necessidades e identificação do público consumidor. Essa discussão é feita com menções a outros pensadores, como Karl Marx, David Harvey, Bauman, Gilles Lipovetsky e Jean Serroy, etc.

No capítulo **A tirania da velocidade e da inovação**, o autor entende que a velocidade não se resume à circulação de bens materiais. Graças às tecnologias digitais, a velocidade também atinge o consumo das informações verbais e não-verbais. Dênis “realça a urgência da crítica à cultura tecnológica que respalda a apoteose da velocidade e a tirania da inovação para o consumo”.

Encerrando essa parte com **A mercantilização da internet e das redes sociais**, o autor aborda as mudanças que a internet causou nas fronteiras de comercialização. Se antes as possibilidades de consumo e diálogo com o público se resumiam aos espaços físicos e veículos de comunicação impressos, rádio e televisão, a internet e as redes sociais transformaram não só a compra e venda, como também a sua própria natureza de interação. Como explica Dênis,

As redes sociais tornaram-se a joia da coroa em disputa. Elas congregam interesses afins, constituem diferenciadas bases consumidoras e estão entre as marcas mais valorizadas do mundo. Embora a ideia-força continue sendo a de proporcionar relacionamentos e trocas, não há como ignorar a rentabilização desses espaços (p. 198)

Em **Intelectuais, Resistência Cultural e Luta Política**, Dênis de Moraes discute a atuação, durante as ditaduras de Vargas e do governo militar, de três intelectuais por ele biografados: o escritor Graciliano Ramos, o cartunista Henfil e o dramaturgo Vianinha. Qual o papel de um intelectual frente aos problemas e dogmas

sociais? Diante de prisões e dificuldades financeiras, como manter um vínculo com o Estado e não se desviar de seus princípios ideológicos? Essas são algumas questões interessantes levantadas por Dênis na parte final deste livro.

O capítulo que abre a quarta parte desta obra foi intitulado **Graciliano Ramos, intelectual comunista: cooptação, engajamento e resistência**. Segundo Dênis de Moraes, para entendermos a relações entre a intelectualidade, a cultura e a política no Brasil, é preciso examinar a) as contestações de escritores e artistas às estruturas hegemônicas; b) a cooptação de segmentos da elite pensante pelas esferas de poder e os problemas que isso gera; c) as interferências ideológicas sobre criação cultural e a liberdade de expressão. Além das tensões causadas por esses três aspectos, os intelectuais precisam se equilibrar entre seus ideais estéticos, suas convicções filosóficas e a luta pela sobrevivência “em um país onde suas atividades prosperam em torno da vida acadêmica, da mídia, do serviço público e de apoios governamentais”.

O autor também compartilha do entendimento de Edward Said, que compreende que o intelectual tem vocação para dar corpo a um ponto de vista, num papel publicamente questionador, provocador, transgressor, sendo, assim, pessoa menos suscetível à cooptação pelos governos. No entanto, os intelectuais também enfrentam seus dilemas, que vão desde questões econômicas, a partir da lógica do mercado, à luta por mais espaço. Na busca pela difusão mais ampla de seus trabalhos, também é preciso lidar com as mais diversas formas de cooptação da mídia. Para Dênis, “o espaço de manobra oscila entre a proximidade com o aparelho do Estado, a insubmissão à ordem estabelecida e os embaraços para conciliar produção simbólica e ideologia, ou proteger a primeira dos ditames da segunda”.

Nesse sentido, o autor trata de conflitos vividos por Graciliano Ramos enquanto cidadão, intelectual e militante político: além da sua prisão durante a Era Vargas, dificuldades financeiras fizeram “o velho Graça” trabalhar em publicações do governo. Posteriormente, filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), precisou lidar com divergências internas a respeito da adoção ao realismo socialista. Mesmo enfrentando tantos percalços, as ideias e convicções de Graciliano não foram abaladas, bem como sua produção literária e cultural. De acordo com Dênis, “as especificidades e energias do trabalho criativo precisam ser resguardadas da imposição de preceitos ideológicos, embora possam refleti-los”.

Em seguida, em **O humor de Henfil contra quem oprime**, o autor explora a trajetória do cartunista, destacando sua atuação em *Pasquim*, um dos primeiros jornais alternativos de resistência à ditadura militar no Brasil. Para este capítulo, Dênis de Moraes se inspirou no seu livro *O rebelde do traço: a vida de Henfil* (1996). Ao retomar as principais criações de Henfil, como o Cemitério dos Mortos-Vivos, os Fradinhos, as cartas para a mãe² e os personagens da caatinga (Zeferino, Graúna, Bode Orelana e Glorinha, a Onça Anarquista), o autor também explica que o humor de Henfil era político, no sentido de fortalecer a consciência política e o pensamento crítico. Como afirmava o cartunista, “o humor que vale para mim é aquele que dá um soco no fígado de quem oprime”.

Por fim, o capítulo **Vianinha, dramaturgo da condição humana** é uma entrevista que Dênis de Moraes concedeu à jornalista Maura Voltarelli. No entanto, Dênis biografou o dramaturgo no livro *Vianinha, cúmplice da paixão* (2000). Atuando em diversas áreas da cultura, como teatro, televisão, cinema, jornalismo, etc., Vianinha evidenciava uma arte profundamente conectada aos problemas sociais de sua época.

Para além das semelhanças entre Vianinha e Bertold Brecht, já que ambos pautavam suas dramaturgias na realidade social e na condição humana, Dênis também faz menção a grandes trabalhos de Vianinha, como as peças *Chapetuba Futebol Clube*, *A mais-valia vai acabar*, *seu Edgar*, *Papa Highirte*, *Rasga Coração*, o seriado *A grande família*, etc., e lembra que, para o dramaturgo, “não havia dissociação entre o trabalho artístico, a sensibilidade e as intenções sociais e políticas”.

Os três intelectuais aqui tratados tiveram grande importância no enfrentamento às ditaduras de Vargas e do governo militar, assumindo, cada um em sua esfera artística, seja a literatura, as ilustrações ou o teatro, posição de vanguarda na luta pela retomada da democracia.

De maneira geral, devido ao seu tom ensaístico, *Crítica da Mídia & Hegemonia Cultural* é um livro de fácil compreensão. Dênis de Moraes discute a hegemonia em várias esferas, sendo o pensamento gramsciano fundamental para entendermos os processos de construção hegemônica e de contra-hegemonia. Baseado também nas históricas contribuições de Karl Marx e Lenin, o leitor consegue entender o papel da

² Publicadas na revista *IstoÉ*, Henfil inventou um parentesco entre sua mãe e o general-presidente João Figueiredo para driblar a censura.

imprensa enquanto construtora ou opositora das hegemonias, visto que elas são construídas em um longo processo histórico.

Ao escrever sobre crítica de mídia, liberdade de expressão, consumo e a mercantilização da internet, Dênis de Moraes dá, ao leitor, diversos exemplos práticos sobre como as construções hegemônicas acontecem na prática e podem contribuir para que o mercado continue vendendo e lucrando e os governos continuem gerindo a sociedade. Por fim, o maior objetivo da hegemonia ideológica e cultural é ter o consenso das ideias. *Crítica da Mídia & Hegemonia Cultural* é um livro importante e necessário para qualquer pesquisador da comunicação ou leitor que se interesse por um entendimento mais crítico dos campos da cultura e da comunicação.